



NO PINTCHA

* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AV. DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFS.: 3713/3727/3728 — BISSAU

A SERRA LEOA RECONHECEU A R.P.A.

A Serra Leoa reconheceu oficialmente a República Popular de Angola, elevando para 24 o número de países africanos que já reconheceu o Governo formado pelo M.P.L.A.

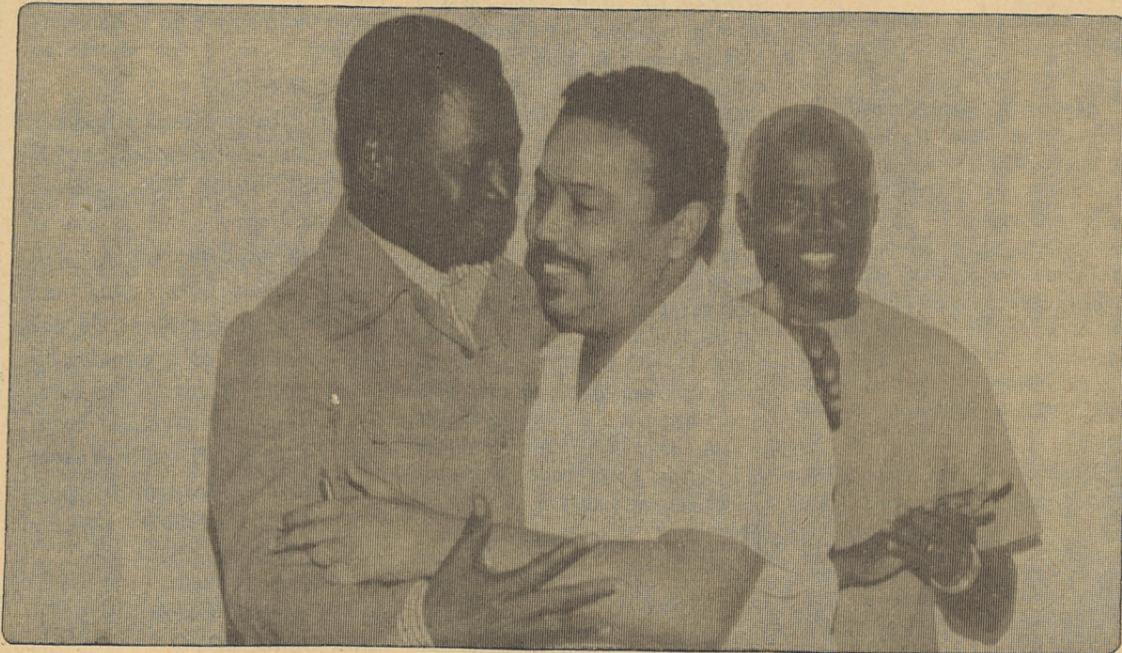
Anunciando o reconhecimento, o presidente Siaka Stevens disse que esta medida permitirá uma resposta positiva ao pedido de admissão da R.P.A. no seio da Organização de Unidade Africana, que conta com 46 membros.

De Joanesburgo, uma outra notícia que demonstra bem quem são os inimigos do povo angolano, do M.P.L.A., da África: Daniel Chipenda, «secretário-geral-adjunto» da FNLA, fugiu de Angola com o produto dos roubos, pilhagens e saques a que se dedicam os bandos de mercenários da UNITA-FNLA. Segundo revelou uma fonte zambiana, Chipenda, cachorro dos imperialistas e dos racistas, levou consigo 50 milhões de dólares.

O governo de Angola é já reconhecido pela maioria dos países membros da O. U. A.

(Ver mais notícias de Angola na página 7)

CHICO TÉ REGRESSOU DE CABO VERDE



EM MARCHA A MATERIALIZAÇÃO DA UNIDADE

«A nossa visita foi coroada de sucesso», declarou o camarada Francisco Mendes ao regressar a Bissau, após uma estadia de oito dias em Cabo Verde, à frente de uma numerosa e importante delegação guineense. O camarada Comissário Principal afirmaria, ainda no aeroporto, no momento do regresso, anteontem de manhã, que regressava com a impressão geral de que «a população de Cabo Verde é uma população militante e está decididamente engajada nos princípios do nosso Partido; no princípio da Unidade e Luta e no princípio da Unidade entre o povo

Militância, fraternidade e complementaridade na base de realizações conjuntas dos dois países irmãos

da Guiné e o povo de Cabo Verde».

A delegação foi recebida no aeroporto pelo próprio camarada Presidente do Conselho de Estado, Luiz Cabral, acompanhado do camarada João Bernardo Vieira (Nino) que, tal como o camarada Chico Té, faz parte do Secretariado Permanen-

te do Comité Executivo de Luta do PAIGC.

Segundo nos revelou o camarada Comissário Principal, brevemente virá ao nosso país uma igualmente numerosa delegação do País irmão para continuar os contactos tendentes à aplicação prática do princípio da Unidade e para a coordenação das acções que na Guiné e em Cabo Verde vão ser desenvolvidas em prol do progresso do nosso povo. «O trabalho correu bastante bem» disse, «e além das reuniões propriamente ditas tivemos ocasião de visitar algumas ilhas, por exemplo Santiago, Fogo e S. Vicente, tendo sido objecto da maior atenção por parte das autoridades administrativas e políticas».

ELABORADO UM DOCUMENTO-BASE PARA A FUTURA COOPERAÇÃO

Ao fim desta longa semana de trabalho, as duas delegações elaboraram um documento que servirá de base à futura cooperação entre as duas Repúblicas irmãs. Também foi tornado público um comunicado conjunto onde se resumem os contactos

(Continua nas páginas Centris)

Arafan Mané evoca o ataque à guarnição de Tite

Completaram-se no passado dia 23 de Janeiro 13 anos desde que um grupo de 200 homens, munidos de quatro metralhadoras, comandados pelo camarada Arafan Mané, assaltaram a guarnição portuguesa de Tite, no Sul, desencadeando, assim, a luta armada pela libertação nacional.

Apesar de a desigualdade de forças ser de longe favorável ao inimigo, os nossos camaradas ganharam a batalha, causando enormes baixas nas tropas coloniais, desmoralizando-as e convencendo-as de que não podiam travar a marcha irresistível do nosso povo para a independência, ao mesmo tempo que mostravam à população que o PAIGC se encontrava em condições de obter a vitória final. Arafan Mané descreve-nos esta batalha, a mobilização que a antecedeu e os acontecimentos que se lhe seguiram num importante depoimento que publicamos nas páginas centrais.

Ministro senegalês no nosso país

O Ministro do Interior do Senegal, Jean Colin, inicia na próxima segunda-feira, uma visita ao nosso País, que se prolongará até sexta-feira à tarde e incluirá reuniões com os responsáveis da Segurança e Ordem Pública e visitas ao interior, nomeadamente ao Gabú, Boê e Bafatá.

A visita principia na segunda-feira de manhã e de tarde deve realizar-se o primeiro encontro com o camarada Constantino Teixeira, Comissário de Estado da Segurança Nacional e Ordem Pública, que nesse mesmo dia janta com o ministro senegalês. Da parte da tarde, o senhor Jean Colin visita a cidade de Bissau.

Na terça-feira está marcada uma visita a Bafatá e que se julga demorará todo o dia; na quarta-feira a delegação senegalesa desloca-se, de avião, ao Boê, posto o que visita a sede da Região, Gabú, regressando a Bissau ao fim da tarde. Quinta-feira, do programa consta apenas uma ida a Bolama e Bubaque e no próprio dia do regresso Jean Colin e o camarada Tchutcho Axon terão uma última reunião de trabalho.

Primeiro embaixador da Guiné-Bissau na R. P. A.



O primeiro embaixador da República da Guiné-Bissau na República Popular de Angola é o camarada Manuel Nandingna, membro do Conselho Superior da Luta do Partido, que seguiu para Luanda na passada quinta-feira.

«No momento da minha partida para Angola, sinto-me orgulhoso pela grande responsabilidade que me foi confiada pelo Conselho de Estado, para ir representar o nosso povo e o Governo da Guiné-Bissau», declarou o camarada embaixador antes de partir para Luanda. «As relações entre o nosso Partido e o MPLA são de muita amizade e união,

desde os tempos da luta. A minha presença nessa jovem República Popular de Angola destina-se a reforçar a amizade e os laços revolucionários que unem os nossos dois povos».

O comandante Manuel Nandingna desempenhava, presentemente, funções como Adjunto do Comissário Político das FARP e anteriormente fora comandante do Batalhão de Farim. Nasceu no Sul, em Tchugué e entrou para a luta muito jovem. Breve assumiu responsabilidades nas milícias populares da Frente Norte, onde se manteve durante os

(Continua na página 8)



Vai ser criada a Companhia de Transportes Terrestres "Silô Diata"

—revela o Comissário Otto Schacht

Vai ser criada uma empresa de transportes terrestres para as ligações entre Bissau e o interior e que se deve chamar «Silô Dialá» (Boa Viagem, em mandinga), revelou ao «NÔ PINTCHA» o camarada Otto Schacht durante uma curta entrevista que nos concedeu e em que aborda os planos imediatos do Comissariado dos Transportes e Comunicações, cuja responsabilidade lhe cabe.

O camarada Comissário de Estado adiantou-nos também um dos mais ambiciosos projectos no domínio das ligações terrestres e que consiste na estrada entre o Senegal, a Guiné-Bissau, Guiné-Conakry e Costa do Marfim (Abidjan). «Esta estrada vai ligar os países da Costa Ocidental e foi discutida na última reunião dos Ministros de Transportes da África Ocidental e do Centro».

«O nosso país, na data da independência, encontrava-se sem

quaisquer infraestruturas de transportes e foi necessário muito esforço para colocar em funcionamento alguns meios» — explicou-nos o camarada Otto Schacht.

«Conseguimos, com muito esforço e boa vontade dos camaradas dos TAGB, recuperar um «DAKOTA» que aqui estava transformando-o em avião de passageiros, e assim pudemos avançar no quadro de linhas aéreas e do tráfego internacional».

«Foram abertas as linhas aéreas para Dakar, com duas carreiras semanais (às segundas e aos sábados), e com o resto das avio-netas mantemos carreiras domésticas que têm dado bons resultados e lucros. Conseguimos um outro «DAKOTA» de versão mais luxuosa que, talvez, virá a ser destinado a transporte das nossas personalidades, embora tenha sido empregado para carreiras ao exterior».

A Sociedade de Pesca, Estrela-do-Mar, formada, em parte, pelo nosso Estado e outra pela União Soviética e cujas actividades já se iniciaram há algum tempo, foi referida também pelo Comissário dos Transportes e Comunicações: «Começaram com dificuldades mas, com o esforço dos camaradas, pensamos suprir tudo isso para o bom andamento por todos desejado, num futuro próximo».

—Tal como nos transportes aéreos, as embarcações marítimas são atingidas pelas mesmas dificuldades?

«Neste domínio, encontramos alguns velhos barcos que nos têm dado muitas dores de cabeça, mas que os camaradas da Capitania, com auxílio dos estaleiros navais conseguiram manter. As carreiras normais têm funcionado. Esperamos ter possibilidade de adquirir melhores barcos, mais tarde».

LIGAÇÃO DIRECTA
BISSAU-MOSCOVO

Depois deste pequeno balanço no ano anterior, o camarada Otto Schacht adiantou-nos que há uma previsão para aumentar o nosso potencial aéreo e para a criação de mais uma sociedade mista de pesca entre a Guiné-Bissau e a Argélia, GUALP. «Já enviaram quatro barcos pesqueiros mas ainda não chegaram a Bissau. Foi também formada uma empresa de pesca mista, pertencente ao grupo «ADRI-PES», e em que participam a Guiné-Bissau, França e Senegal. Esta empresa vai dedicar-se à pesca do camarão na região do Cacheu».

Quando aos transportes aéreos, o camarada Otto Schacht tinha mais novidades a dar-nos. Por um lado, a Aeroflot (empresa comercial de aviação soviética) passa a escalar Bissau, muito brevemente para voos até Moscovo, por outro lado, vai ser estudado o sistema de voos fretados de Bissau para Bubaque.

«Queremos dar a nossa contribuição ao Departamento de Turismo, tal como hoje já há aviões a funcionar no transporte de turistas de Banjul (Gâmbia) para a ilha de Bubaque. Havemos de encontrar novas formas de levar avante este projecto, na medida em que aquela ilha tem condições excepcionais de repouso nas suas praias».

Reconhecimento do Corubal e Geba

A fim de proceder ao reconhecimento hidrográfico dos rios Corubal e Geba, esteve em Bafatá uma brigada formada pelos camaradas Pio Gomes Correia, director-geral da Energia Indústria e Hidráulica, João Gomes Cardoso, engenheiro do mesmo Comissariado e Luís Alberto Jacob, encarregado geral da rede de águas, acompanhados por Henry Felix, perito do PNUD.

Em Bafatá, foram recebidos pelo camarada Idrissa Só, Presidente do Comité de Estado do referido sector, com quem tiveram uma reunião de esclarecimento, após a qual seguiram para a povoação do Saltinho, a fim de dar início aos trabalhos.

RESPONDE O POVO

Qual a importância da higiene?

«Qual a importância da higiene?», perguntamos hoje a três pessoas na rua. Isto porque estão em curso campanhas de educação sanitária e de higiene e porque todo o nosso povo deve colaborar neste esforço do Comissariado da Saúde e Assuntos Sociais. Grande parte das pessoas que morrem na Guiné-Bissau, sobretudo crianças, morre porque as condições higiénicas do seu meio ambiente não são as melhores.

AGOSTINHO MONTEIRO
(Empregado Comercial)

«É escusado dizer que a higiene é uma das coisas essenciais da nossa vida. Sem ela, um indivíduo não pode, de maneira alguma, ter saúde.»

«Se todos nós tivermos o cuidado de ter a nossa habitação sempre impecável, notamos que o ambiente é muito mais saudável. Detesto estar num lugar em que não há nem um pouco de higiene, isto porque somos capazes de apanhar inúmeras doenças, tais como: paludismo, tuberculose e infecções, através dos micróbios que se encontram em grande quantidade nesses lugares

sujos.»
«Muitos indivíduos morrem por falta de cuidados higiénicos porque geralmente são pessoas que não têm condições para tal.»

«O nosso Estado deve criar inúmeras campanhas higiénicas, principalmente nos campos, porque é o lugar onde o nosso povo menos sabe disso.»

DOMINGAS SOARES
(Doméstica)

«Falar sobre a higiene é o mesmo que falar da nossa saúde.»

«Uma das minhas preocupações é ter a minha casa sempre limpa e impecável, porque além de permitir um ambiente saudável, o meu marido detesta lugares sujos.»

Devemos ainda ter muitíssimo cuidado com alimentação no ponto de vista higiénico principalmente fervendo ou filtrando a água antes de a bebermos.»

«Apesar do Estado ter organizado e realizado muitas campanhas de higiene, acho que devem continuar a realizá-las enquanto o nosso povo tiver imensas dúvidas acerca da higiene.»

DOMINGOS BARBOSA
(Empregado Comercial)

«Para mim a higiene é indispensável à saúde. Um ser humano sem higiene não pode de maneira alguma ser um indivíduo saudável.»

«A minha casa embora seja pobre, apresenta boas condições higiénicas porque faço tudo para que haja o máximo de a-seio. A minha preocupação são os insectos que poisam em diversos sítios e depois vêm poisar-se nas nossas comidas. Para isso devemos, pelo menos, meter redes nas janelas, devemos tapar os alimentos, ferver a água que bebemos para evitar a entrada desses micróbios no nosso organismo.»

«Muitos dos nossos camaradas morrem por falta de cuidados higiénicos, outros por falta de conhecimento para adquirirem esses cuidados.»

«Para se evitar essas desgraças, acho que o Estado devia lançar muitas e muitas campanhas de higiene, principalmente nas tabancas onde o nosso povo nada sabe acerca da higiene, porque não tiveram oportunidade para tal.»

NÔ PINTCHA

Orgão do Comissariado de Estado de Informação e Turismo

Trisemanário Nacional de Informação

Sai às Terças, Quintas e Sábados

Preço: 2550

Redacção, Administração e Oficinas: Avenida do Brasil

TELEFONES

Redacção: 3713/3728

Administração e Publicidade: 3726

ASSINATURAS (Via Aérea)

Guiné-Bissau e Cabo Verde

1 ano 400\$00
6 meses 250\$00

Outros Países Africanos e Portugal

1 ano 500\$00
6 meses 300\$00

Serviços de Distribuição e Vendas do «NÔ PINTCHA»

— Caixa Postal, 154

BISSAU — GUINÉ-BISSAU

FARMÁCIAS

HOJE — «MODERNA» — Rua 12 de Setembro, telefone 2702.

AMANHÃ — «CENTRAL» — Rua Vitorino Costa, telefone 2453.

SEGUNDA-FEIRA — «HIGIENE» — Rua António N'Bana, telefone 2520.

TELEFONES

Hospital Simão Mendes:
Banco — 2866/2867
Bombeiros — 2222

Polícia:
1.ª Esquadra — 3333
2.ª Esquadra — 3444

Correios:

Informações — 2600
Radiodifusão Nacional — 2430
Aeroporto — 3001/4 (TAG-B)
TAP — 3991/3

Serviços Municipalizados:
Água e Electricidade — 2411
(das 7 às 17 horas)
Assistência à rede eléctrica — 2414
(das 16 às 24 horas)
Chegadas e partidas de navios — 2022/5

RÁDIO

EMISSOES:

Das 6 às 8; das 12 às 15 e das 17 às 24 horas.

NOTICIÁRIOS:

As 7, 13, 15, 17, 20 e 21 horas.

AGENDA DO DIA:

As 18,45 horas.

CINEMA

HOJE E AMANHÃ — As 18,30 horas — «O PIRATA VERME-LHO» — m/10 anos e às 20,45 horas — «HOMENS SEM AMANHÃ» — m/18 anos.

SEGUNDA-FEIRA — As 20,45 horas — «A CAVERNA DO TERROR» — m/18 anos.



Selo evocativo do assassinato de Amílcar Cabral

No dia 21 foram postos a circular em Cabo Verde 200 000 selos da emissão «3.º aniversário do assassinato de Amílcar Cabral», da taxa de 5\$00, que, por motivos imprevistos não puderam ser postos a circular a partir do dia 20.

O Selo, cujo desenho é do artista caboverdiano, José Rodrigues, tem o formato vertical, as dimensões de 30x40 milímetros.

Às correspondências apresentadas nos dias 21 e 22, ao postigo da Estação Postal da Praia (Estação Central), foi posto um carimbo do primeiro dia de circulação, alusivo ao 3.º aniversário do assassinato de Amílcar Cabral.



Amílcar Cabral

Só é filho do nosso povo aquele que é patriota

«Juntarmos as nossas forças para não permitirmos, que o nosso povo, os filhos da nossa terra, sejam pisados, humilhados por outra gente. Entender claro, que nós, na nossa terra temos direitos iguais aos de qualquer outra gente na própria terra. Esse é um grande avanço da nossa cultura, se conseguirmos fazer isso, e vamos fazê-lo em pouco tempo, a própria guerra vai fazê-lo na nossa terra».

«Além disso, camaradas, devemos elevar no espírito de cada um, sobretudo no espírito de cada combatente o valor do heroísmo, ser capazes de ter coragem para cumprir rigorosamente as palavras do Partido. Se for preciso matar o inimigo em dado lugar, ir e matá-lo mesmo. Isso é que é cultura camaradas. Quando um homem é capaz de fazer isso, é de facto. E na medida em que um grupo de homens como estes que aqui estão diante de um dado facto, são capazes de se unirem todos, como se fossem um só homem, esses são muito cultos».

«Vejam por exemplo, isto: — a nossa população mandinga, por exemplo tem muitas rixas entre eles, muita conversa, uns têm a mania que são mais do que os outros, puxa-puxa, roubos, até se diz que os mandingas quando dizem uma coisa, estão a pensar precisamente o contrário. Por isso parece uma população dividida. Mas diante de um acto cultural, por exemplo, como rezar, eles parecem um homem».

«Noutro grupo étnico, por exemplo diante do «iran» é escusado. Por exemplo, se dissermos a um balanta ou a um manjaco o seguinte: — olha o Bobô é um bom rapaz, ele diz logo que essa pessoa é amiga do Bobô e repete a mesma coisa a outros. Uns acreditam e outros não. Mas se dissermos que o «iran» de Cobiana disse tal coisa, mesmo que estejam na União Soviética ou noutro sítio qualquer, basta que alguém diga que o «iran» disse tal coisa, todos acreditam, mandingas, mancanhas, papéis, balantas, todos. Vocês vêem, portanto, como é que diante de uma situação cultural, um povo é capaz de se unir, sentir um povo tão dividido como o nosso povo era».

«Por isso é que, quando nós dizemos que somos capazes de nos unir para resistir ao nosso inimigo, estamos a aumentar a nossa cultura. Isso é também uma prova de que temos cultura de facto e temos de ser capazes, como Partido, como organização política, de levantar cada dia mais no espírito da nossa gente, na Guiné e em Cabo Verde esta ideia concreta: só é filho do nosso povo aquele que é patriota. E mais longe ainda, nesta fase da nossa luta, aquele que tem amor pelo nosso Partido. Isso é que é cultura da nossa terra hoje em dia. Fundamental na nossa cultura hoje, não é ensinar a ler e a escrever, isso é preciso também, já falamos disso, não é fazer o segundo grau. É entender bem o que é que o nosso Partido quer, o que é que nós queremos e o que é que nós procuramos, o que é que estamos a fazer, o que é a nossa luta, para onde vamos. Isso é que é importante, camaradas. Ser capaz de dar a sua vida. Quem hoje, é capaz de dar a sua vida sem pedir nada, para o nosso Partido, esse é um homem agora culto na nossa terra».

«E diante desta luta podemos comparar por exemplo, diversas raças da Guiné para vermos qual é a mais culta ou a menos culta. Às vezes aparecem como menos culto aqueles que sabem mais de certas coisas. E qualquer Mané ou N'Bana lá do mato, que pegou teso no seu trabalho, é mais culto que um Alvarenga ou um outro qualquer muito instruído que continuou atrás dos tugas. Porque ele corresponde àquela relação do homem na sociedade e do homem em relação à natureza, que serve o interesse do seu povo, para amanhã conquistar um nível de vida mais alto. Isso é que é cultura, camaradas. Entender de facto a situação concreta da sua terra para transformá-la no sentido do progresso».

Efectuou-se o primeiro vôo regular dos TAGB entre Bissau e Praia

Com partida ao princípio da manhã e regresso ao princípio da noite, efectuou-se na quarta-feira o primeiro voo dos Transportes Aéreos da Guiné-Bissau (TAGB) entre Bissau e Praia, integrado na carreira aérea quinzenal entre as capitais dos dois países irmãos, inaugurada no passado dia 16 pelos Transportes Aéreos de Cabo Verde (TACV).

A viagem teve lugar a bordo de um «Dakota», de 15 a 16 lugares, que transportou nos dois sentidos, além da comitiva oficial do Comissariado dos Transportes e Comunicações, chefiada pelo camarada Mário Ribeiro, director dos Transportes, representante dos órgãos de Informação nacional e alguns passageiros caboverdianos.

A delegação foi recebida no aeroporto da Praia pelos camaradas Omar Lima, chefe do Gabinete do Ministério dos Transportes, José Manuel Pires Ferreira, chefe do Gabinete de Estudos do mesmo departamento e Filinto Correia da Silva, director dos TACV.

Na capital de Cabo Verde, os viajantes visitaram as instalações da Aeronáutica e vários pontos turísticos da cidade e arredores, especialmente os bairros caracterizados pela beleza das suas paisagens rochosas.

A curta permanência na Praia teve como ponto culminante um almoço de confraternização oferecido pela direcção dos TACV à delegação da Guiné-Bissau, na Pou-

sada Praia-Mar.

VIAGENS MAIS BARATAS?

O enviado especial do «Nô Pintcha» teve oportunidade de trocar algumas impressões com o director dos Transportes da Guiné-Bissau, acerca das perspectivas abertas às comunicações aéreas entre os dois países. «Tenho a certeza que os nossos serviços de transportes vão trabalhar lado a lado, para avançarmos, com vista à formação de uma companhia de transportes que possa corresponder realmente aos desejos dos nossos dois povos, quer no plano interno, quer no internacional».

O camarada Mário Ribeiro manifestou-nos a esperança de que as carreiras aéreas regulares venham a tornar-se mais frequentes. Por fim, sugeriu a possibilidade de revisão dos preços dos bilhetes que, a seu ver, «é muito elevado tendo em conta a situação actual dos nossos dois países».

Ao fim da tarde, antes do regresso a Bissau o camarada Omar Lima, em nome do Ministério dos Transportes de Cabo Verde, prestou-nos igualmente algumas declarações;

«Queremos esclarecer que, em princípio, não pretendemos atingir objectivos de ordem comercial. Como já tivemos ocasião de afirmar, quando nos deslocámos a Bissau, queremos, acima de tudo, alcançar um fim político: proporcionar aos povos da Guiné e de Cabo Verde

um conhecimento mais íntimo e a vivência de experiências comuns que, ao fim e ao cabo, constituem mais um passo para a concretização do programa do nosso Partido».

Sobre as possibilidades de aumentar a frequência das carreiras, o camarada Omar Lima afirmou:

«Se a experiência nos demonstrar que o tráfego necessita de ser aumentado, talvez venhamos a estabelecer carreiras semanais ou bissemanais, uma vez que nos TACV existem condições para tal».

Quanto ao futuro das carreiras marítimas entre o nosso país e o Arquipélago de Cabo Verde, declarou-nos:

«A intenção do nosso Ministério é regularizar as carreiras marítimas, tal como as aéreas já o foram. Alias, o nosso navio «Independência» costuma ir mensalmente a Bissau. Encaramos esta carreira em pé de igualdade com as carreiras entre qualquer das ilhas de Cabo Verde, pois consideramos a Guiné como uma das nossas terras».

«Gostaríamos de ter a oportunidade de demonstrar aos camaradas — disse a concluir — que estamos dispostos a estabelecer, não só através de declarações públicas mas também na prática, uma ligação regular e a criar as estruturas necessárias para permitir que o povo da Guiné-Bissau conheça Cabo Verde e que o povo caboverdiano conheça a Guiné, como contribuição para a unidade Guiné e Cabo Verde».



(Continuação da 1.ª pág.)

havidos durante a visita e se sintetizam as resoluções tomadas.

Reproduzimos esse comunicado na íntegra:

«A fim de materializar o Programa Maior do Partido e consolidar os laços de amizade entre os povos da Guiné e Cabo Verde e seus respectivos Governos, laços tecidos ao longo de vários anos de luta comum contra o colonialismo português, sob a bandeira do PAIGC, o camarada Francisco Mendes, membro do Comité Executivo da Luta do Partido e Comissário Principal do Conselho dos Comissários de Estado, acompanhado de sua esposa, efectuou uma visita de trabalho, à República irmã de Cabo Verde, de 22 a 28 de Janeiro de 1976».

«A delegação compreendia, nomeadamente, os camaradas: Lúcio Soares, membro do Comité Executivo da Luta do Partido e Chefe de Estado-Maior-Adjunto das Forças Armadas Revolucionárias do Povo; Filinto Vaz Martins, Comissário de Estado da Energia, Indústria e Hidráulica; Samba Lamine Mané, Comissário de Estado da Agricultura e Pecuária; Joseph Turpin, membro do Conselho Superior da Luta do Partido e Secretário-Geral do Commissariado de Estado dos Negócios Estrangeiros; Jaime Sampa, do Commissariado de Estado da Segurança Nacional e Ordem Pública; Henriqueta da Silva Godinho Gomes, Directora do Gabinete do Comissário Principal; Luís Cândido Ribeiro, Director da Agricultura e Pecuária; e Padre Lino Bicari, do Instituto de Amizade».

«À sua chegada ao Aeroporto da Praia, a delegação foi recebida pelos camaradas: Pedro Verona Rodrigues Pires, membro do Comité Executivo da Luta do Partido e Primeiro-Ministro; Abílio Duarte, membro do Comité Executivo da Luta do Partido; Presidente da Assembleia Nacional Popular e Ministro dos Negócios Estrangeiros; Osvaldo Lopes da Silva, membro do Conselho Superior da Luta do Partido e Ministro da Economia; Amaro da Luz, membro da Comissão Nacional de Cabo Verde do PAIGC e Ministro das Finanças; Sérgio Centeio, membro da Comissão Nacional de Cabo Verde do PAIGC e Ministro da Agricultura e Águas;

A materialização da unidade em marcha

José Luís Fernandes Lopes, membro da Comissão de Ideologia da Comissão Nacional de Cabo Verde do PAIGC e outras importantes individualidades do Partido e do Estado».

«Na cidade da Praia, o camarada Francisco Mendes e a delegação que o acompanhava, foram recebidos pelo camarada Aristides Pereira, Secretário Geral do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde e Presidente da República, com quem teve uma importante entrevista sobre as relações entre os dois Estados».

«No dia seguinte, na sala de reuniões do Conselho de Ministros, teve lugar a primeira sessão de trabalho entre as duas delegações governamentais, na qual os dois Chefes de Governo fizeram uma exposição da situação económico-social das duas Repúblicas».

«Os dois Chefes de Governo examinaram a situação geral dos dois Países, após a libertação total, e os progressos alcançados na concretização da Unidade. A reunião decorreu num ambiente de franca camaradagem e militância».

«Durante a sua estadia em Cabo Verde, o camarada Francisco Mendes visitou diversas localidades nas Ilhas de Santiago, Fogo e S. Vicente, onde foi calorosamente recebido. Nos locais visitados, o camarada Francisco Mendes teve encontros com as autoridades políticas e administrativas, tendo apreciado, de perto, os progressos já realizados pelo povo irmão de Cabo Verde na reconstrução nacional».

«CONHECIMENTO RECÍPROCO DAS REALIDADES»

«Convencidos de que a Unidade só é possível através do conhecimento recíproco das realidades e do lançamento de bases para realizações conjuntas, conforme os princípios do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde, foram constituídas as seguintes comissões mistas de trabalho:

A — Comissão para a Energia, Indústria e Hidráulica;

B — Comissão para a Agricultura e Pecuária;

C — Comissão para os Assuntos dos Negócios Estrangeiros;

D — Comissão para os problemas decorrentes do funcionamento do Instituto de Amizade e do Instituto Caboverdiano de Solidariedade».

«A) Da Comissão para a Energia, Indústria e Hidráulica, fizeram parte, pela República da Guiné-Bissau, camarada Filinto Vaz Martins, Comissário de Estado da Energia, Indústria e Hidráulica e pela República de Cabo Verde, camaradas Osvaldo Lopes da Silva, Ministro da Economia; Leonildo Monteiro, Direc-

tor Nacional da Indústria e Energia; Humberto Bettencourt, Director Nacional da Pesca; Manuel Delgado, Director Nacional do Comércio; e Elisa Andrade, Chefe do Gabinete do Ministro da Economia».

«Nesta reunião, os camaradas Osvaldo Lopes da Silva e Filinto Vaz Martins, fizeram uma exposição detalhada sobre a situação dos dois países durante o domínio colonial e depois da libertação total. Encorajada pelos progressos já alcançados em matéria de desenvolvimento económico a comissão mista elaborou um inventário de produtos que poderão vir a ser objecto de comercialização entre os dois Estados».

«A Comissão manifestou o desejo da criação de grupos de trabalho mistos, para a realização de estudos de carácter científico e técnico e troca de experiência nos mesmos domínios. A Comissão manifestou ainda o desejo de uma troca periódica de informações sobre projectos em curso».

«B) A Comissão para a Agricultura e Pecuária, dirigida pelos camaradas Samba Lamine Mané, Comissário de Estado da Agricultura e Pecuária da República da Guiné-Bissau e Sérgio Centeio Ministro da Agricultura e Águas da República de Cabo Verde, depois de várias visitas efectuadas a algumas granjas do Estado e de ter realizado sessões de trabalho no Ministério da Agricultura e Águas, onde foram abordadas questões relativas às realidades agro-pecuárias dos dois Países, concluiu ser necessário: 1 — Efectuar troca de materiais vegetais, nomeadamente, sementes e plantas de espécies e variedades predominantes nos respectivos países; 2 — Proceder ao intercâmbio de experiência técnica por forma a permitir o avanço do processo de desenvolvimento agrícola em curso; 3 — Coordenar projectos, tendo em conta a necessária complementaridade de produção agrícola, para melhor satisfação das necessidades alimentares básicas dos dois povos irmãos».

«C) No Ministério dos Negócios Estrangeiros, e sob a direcção dos camaradas Joseph Turpin e Corsino Tolentino, respectivamente, Secretário-Geral do Commissariado dos Negócios Estrangeiros da República da Guiné-Bissau e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros da República de Cabo Verde, reuniu-se a Comissão para os assuntos dos Negócios Estrangeiros que examinou as experiências adquiridas na estruturação dos respectivos serviços e em matéria de representação no estrangeiro. Com vista a uma melhor coordenação e utilização dos quadros, acordaram:

1 — Manter contacto permanente e intercâmbio de informações e experiências; 2 — Conjugar os seus esforços em matérias de representação diplomática no estrangeiro.

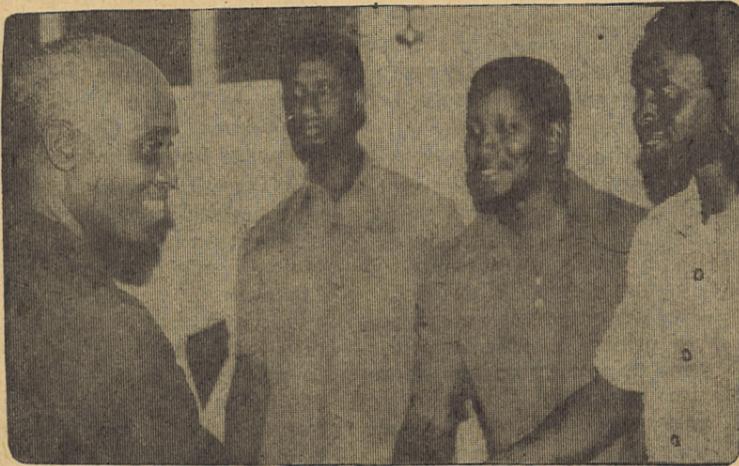
D) Em matéria da colaboração entre o Instituto de Amizade da Guiné-Bissau e o Instituto Caboverdiano de Solidariedade, a Comissão mista dirigida por Padre Lino Bicari, do Instituto de Amizade, e pelo camarada Orlando Mascarenhas, do Instituto Caboverdiano de Solidariedade, teve várias sessões de trabalho. Nas sessões realizadas, a Comissão examinou as perspectivas de desenvolvimento do trabalho dos dois Institutos e concluiu da necessidade de manter contactos frequentes e troca de experiências».

«As comissões funcionaram num ambiente de fraternidade e de militância tendo as delegações reafirmado o seu desejo de manter um intercâmbio permanente no sentido de um desenvolvimento económico e social harmonioso, factor importante para a materialização da Unidade entre os povos da Guiné e Cabo Verde».

«Praia, 28 de Janeiro de 1976.

Assinam, pelo Governo da República de Cabo Verde: Pedro Pires.

Pelo Governo da República da Guiné-Bissau: Francisco Mendes».



O camarada Secretário-Geral do P.A.I.G.C. e Presidente da República irmã, recebe cumprimentos da delegação do nosso país, que visitou Cabo Verde

«Antes do início da luta armada dedicávamo-nos à mobilização das massas populares, explicando-lhes qual era a finalidade da nossa acção e os motivos por que deviam estar ao lado do PAIGC, quando este desencadeasse a luta armada de libertação nacional».

«O quartel militar de Tite era o mais fortificado em todo o Sul, no despertar da luta. Seguindo as palavras de ordem do camarada secretário-geral, Amílcar Cabral, depois da mobilização agrupámos muitos jovens, a quem demos preparação militar mediante a utilização de paus, pois nessa altura ainda não tínhamos armas. Pouco depois, começámos as sabotagens em todo o território nacional — cortes de fios de telefones, destruição de pontes, derrube das árvores nas estradas para impedir a movimentação do exército fascista e, acima de tudo, para fazê-lo sentir a nossa presença real e clara em todos os recantos da nossa terra. Estas acções destinavam-se a contrariar a propaganda que nos considerava bandidos e mentirosos e a demonstrar as nossas capacidades do ponto de vista militar, numa altura em que já nos sentíamos um pouco amadurecidos para combater os «tugas» até à sua retirada completa da nossa terra».

«Eu encontrava-me então na antiga zona 8, que era supervisionada pelo camarada Rui Djassi, com outros responsáveis de áreas. Assim, em Buba, encontrava-se o camarada Casimiro Fernandes, em Cubisseco o camarada José Sanná e em Quinara o camarada Malam Sanná e eu».

«A nossa área era a que se encontrava mais ao Sul. Decidimos dividi-la, ficando o camarada Malam Sanná para os lados de Fulacunda e eu com a porção de Tite até S. João. Em pouco tempo, destruímos todos os fios telefónicos e pontes. Quando a notícia da nossa acção chegou a Tite, o capitão Curto, um dos grandes massacradores do nosso povo, anunciou que ia desencadear uma grande ofensiva, que obrigaria todos os guerrilheiros a abandonar as matas. Mas o feitiço voltou-se contra o feiticeiro».

«Numa reunião a nível de sector planeámos o ataque ao aquartelamento militar de Tite, que desencadeámos em Janeiro de 1963. Foi este o nosso primeiro ataque. Para o fazermos, utilizámos 4 pistolas metralhadoras PPSH, chamadas vulgarmente «pachangas», por produzirem um som semelhante ao de instrumento musical latino-americano. Éramos 200 pessoas, divididas em grupos, cada um com a sua arma, à frente de elementos munidos de catanas, paus, facas, lanças e até pedras. Depois de planearmos o ataque, enviámos um grupo na direcção da prisão (para libertarmos os nossos irmãos que ali se encontravam), outro junto das casernas dos soldados, e um terceiro para próximo da caserna onde dormia o capitão Curto. Assim, fizemos o assalto em três frentes. Foi um ataque duro e sério, apesar de sermos ainda inexperientes. Conseguimos obrigar os soldados portugueses a abandonar os seus aquartelamentos, fugindo atabalhoadamente para as tabancas. Matámos a sentinela da prisão e tentámos abrir a porta, mas esta encontrava-se fechada e trancada com uma corrente de ferro. Ainda deitámos um pouco de TNT que tínhamos trazido, mas o fogo não pegou. Lembro-me muito bem deste ataque e da figura dos «tugas», em calções, completamente abandalhados. Causámos mortos e feridos à tropa inimiga. O camarada Dembazinho tinha uma pistola automática que disparava em rajada; só com uma rajada fulminou 4 soldados inimigos. Fomos obrigados a retirar, porque alguns dos nossos camaradas encontravam-se feridos, como foi o caso do Musna e do Wagna. Dirigimo-nos para

Duzentos guerrilheiros com quatro metralhadoras desencadearam a luta armada no sul do país

DEPOIMENTO DO COMANDANTE ARAFAN MANÉ



Nova Sintra, onde estabelecemos a nossa primeira base. O povo foi ao nosso encontro, felicitando-nos pela retumbante vitória. Disseram-nos que, se resistíssemos mais um pouco, teríamos tomado o quartel. Mas não era essa a nossa intenção, porque não tínhamos possibilidades de o conservar».

«No dia seguinte, um outro grupo atacou o posto administrativo de S. João, mas o chefe já tinha partido para Bolama quando os nossos guerrilheiros lá chegaram. Trouxemos tudo o que lá havia: a sua farda com as divisas, máquinas de escrever, um «jeep» e um camião GMC. Após esta acção, mudámos a nossa base para Gá-Tomo».

OS «TUGAS» FUGIAM, DEIXANDO NO TERRENO ARMAS E MUNIÇÕES

«O capitão Curto foi para Tite, chamou Buli Djassi e disse-lhe: «Eu sei que vocês apoiam os bandidos ao ponto de terem feito o ataque a Tite, onde houve mortos e feridos. Mas eu, capitão Curto, digo-te que vou queimar as tabancas desde S. João até ao fim de Fulacunda».

«Quando o «homem grande» nos transmitiu esta ameaça, decidimos fazer uma emboscada para liquidar o capitão. Junto à tabanca de Serra Leoa havia uma curva, à beira de um terreno elevado. Foi aí que esperámos o capitão Curto e o seu grupo, quando estes regressavam de Tite para cumprir a promessa. Abrimos fogo intenso e aquele oficial foi atingido. Mas valeu-lhe o seu condutor, que saiu ileso da emboscada e conseguiu transportá-lo para Fulacunda, de onde foi evacuado para Bissau. Pouco tempo depois, ouvimos a notícia da sua morte».

«Passados seis dias, verificou-se uma grande ofensiva a Gá-Tomo. No mesmo instante em que a nossa sentinela, que estava em cima de uma árvore, nos dizia que avistava um grande movimento de pessoas, surgiram jactos a despejar fogo sobre a tabanca. Por falta

de experiência, começamos logo a fazer fogo com as «patchangas». Mas quando os soldados inimigos já estavam muito próximos de nós decidimos dispersar em grupos e cercar a tabanca para não lhes permitir a entrada».

«Passou-se lá dentro uma cena que merece ser contada. Nhale, a mãe do nosso camarada Djantú, que era o comandante do sector, agarrou um «tuga» pelas calças, rasgou-lhas e arrancou-lhe os carregadores, chamando-o «cão, que querias queimar-nos as tabancas!». Mas o soldado não lhe ligou importância, limitou-se a sacudi-la, dizendo: «Deixa-me, mãe, deixa-me». Ficámos ainda mais entusiasmados com a coragem desta mulher e, lançando fogo em redor da tabanca, obrigámos os «tugas» a retirar sem terem conseguido penetrar no interior da vila, que era o objectivo principal da ofensiva. Foram envolvidos pelo fumo e começaram a fugir atabalhoadamente. O camarada Dembazinho, que estava a meu lado, tomado pelo entusiasmo, levantou-se e desatou a correr para os agarrar, mas foi atingido com um tiro num ombro e eu fui obrigado a rastejar para o retirar dali e levá-lo à base».

«Deixamos esta base, pois sabíamos que não iríamos ter sossego ali, depois de os jactos nos terem localizado e à população. Depois de verem a nossa vitória sobre o exército inimigo e a forma como os «tugas» abandonavam a batalha (não tinham experiência de escaramuças e desatavam logo a correr, deixando no terreno armas e munições), apresentaram-se-nos nesse mesmo dia, cerca de 300 jovens, que queriam alistar-se nas fileiras do PAIGC, para serem combatentes do povo e da liberdade».

Depois destes dois ataques fui chamado a Conakry, onde pus a direcção superior do Partido ao corrente da nossa acção e pedi munições, pois faziam-nos falta. O camarada Rui Djassi deu-me uma carta para o secretário-geral, camarada Amílcar Cabral, e este enviou granadas de fumo,

que nós chamámos «diabo preto», porque, quando as lançávamos aos «tugas», estes ficavam mais pretos do que o preto. De Conakry segui, então, para a China».

«EXPLICÁVAMOS AO POVO A NOSSA INTENÇÃO MAS MUITOS NÃO ACREDITAVAM NO QUE DIZÍAMOS!»

«A experiência que tanto eu como os outros camaradas adquirimos desde as primeiras horas da luta foi das mais difíceis e também das mais ricas da nossa vida. Convivendo com o povo aprendemos o que é a vida, ao mesmo tempo que lhe transmitíamos os conhecimentos que adquirimos nas aulas políticas que nos ministraram em Conakry. Não era muito, mas teve uma influência enorme na libertação da nossa terra».

«Quando fugi pelo Senegal, fui recebido pelo camarada Luiz Cabral e morei em sua casa. Atravessámos um período de crise, em que ele nos teve de ceder a sua cama, indo deitar-se com a esposa e os filhos num colchão em cima do soalho. Ali ficámos até recebermos ordem para seguir para Conakry, onde entramos imediatamente nas aulas políticas, pois de política nada sabíamos: só estávamos habituados a falar de coisas de futebol, um Benfica, um Sporting, um boxe, e mais nada. Após a nossa chegada a Conakry começou outra vida, em contacto com a experiência do povo da República da Guiné, que nessa altura já era independente e senhor do seu destino. Em cada aula que recebíamos encontrávamos a realidade concreta sobre o terreno. Quando regressámos ao interior, ainda enriquecemos mais a nossa experiência em contacto com os nossos irmãos que tinham regressado da República Popular da China e nas várias reuniões que tivemos com o camarada secretário-geral do Partido».

«No interior, segundo as instruções recebidas, explicávamos ao

Um exemplo para a juventude

Arafan Mané (Djamba), filho de Lassana Mané e de Nhale Cassamá, nasceu em 1944 em Bissau, onde passou a infância, antes de partir para a luta.

O seu pai era um vil servidor de «tugas», chegando a ser condutor do primeiro governador colonial da Guiné. Conseguia, no entanto, ser mais valente que o patrão, conduzindo-o a sítios onde este tinha medo de ir, e várias vezes lhe salvou a vida.

Arafan Mané reconhece hoje que foi o comportamento do pai que despertou nele, ainda criança, o desejo de lutar pela libertação da sua terra. Enquanto o seu pai serviu fielmente os colonialistas, ele entregava-se de corpo e alma à causa do seu povo.

Em 1960, Arafan Mané frequentava a escola de Bissau quando o irmão mais velho e os primos, Senezinho, Dembazinho e Samba Lamine Mané, se preparavam para deixar o país e atingir Conakry, através do Senegal. Apesar de ter apenas 16 anos, Djamba decidiu juntar-se-lhes. Em Conakry depois de receber preparação política, manifestou o desejo de regressar ao interior da terra natal, para trabalhar directamente com o seu povo. Na véspera da partida, Luiz Cabral entregou-lhe um telegrama anunciando a morte do pai e pediu-lhe que adiasse a sua missão. Mas Arafan Mané não quis perder nem mais um minuto. Dias depois, atingia o Sul da Guiné-Bissau. Aqui, trabalhou ao lado do camarada Fernando Badinda na mobilização das populações do sector de S. João e Bolama. Com 17 anos, já era chefe de grupo.

Em Maio de 1963 o Partido enviou-o para a China, onde durante seis meses recebeu formação militar. No regresso, foi encarregado por Amílcar Cabral de convocar os responsáveis das Frentes Sul, Leste e Norte para o primeiro Congresso do Partido, que se realizou em Cassacá, em 1964. Recebeu também a missão de dirigir a «Operação Limpeza», que consistia em prender os camaradas que cometiam erros no início da luta armada. Esta operação tornou-se tão popular, que forneceu o tema para um refrão cantado pelo povo.

No Congresso, foi nomeado comandante da antiga zona 8. Ao mesmo tempo, fazia o recrutamento de jovens para a formação do primeiro corpo do exército. Mais tarde foi transferido para a zona 11, onde ficou a substituir o camarada Nino.

Em 1965, no ataque ao quartel de Cabedú, que tinha como objectivo a expulsão do exército colonial desta parte do País, foi ferido num pé. Os soldados ficaram desmoralizados e a missão não correu tão bem como se esperava.

Depois de ter recebido tratamento na Checoslováquia, regressou à Frente Sul, como comandante de operações. Ao seu lado trabalhavam nessa altura Constantino Teixeira, Umarú Djaló, Sadjá Namba e Otto Schacht.

Mas o ferimento no pé que recebera em Cabedú impedia-o de suportar as longas marchas que esta missão exigia. Assim, numa reunião efectuada em Boké, a direcção do Partido decidiu transferi-lo para a Marinha. Mais tarde, foi para a União Soviética, onde estagiou durante dois anos. Depois de uma curta permanência em Conakry, foi nomeado comandante do Centro Político-Militar de Madina do Boé, cargo que acumulou com o de comandante da Frente Bafatá-Gabú, até ao 25 de Abril.

Quando o regime fascista português caiu, Arafan Mané foi encarregado de fazer reuniões nas cidades de Bafatá e Gabú, com as populações.

Depois da libertação da Guiné-Bissau, Arafan Mané ficou a ocupar o cargo de chefe do Gabinete Militar da Presidência do Conselho de Estado, merecidamente.

povo a nossa intenção, mas muitos não acreditavam no que dizíamos, achavam que éramos pequenos e que de maneira nenhuma podíamos agrupá-los ao ponto de iniciarmos a luta armada. E perguntavam onde é que íamos buscar armas, uma vez que os «tugas» tinham aviões, barcos, armas modernas... Mas, graças à nossa formação política, lá conseguíamos convencê-los de que a um povo unido, guiado por um partido sério e honesto como o nosso, tudo é possível, desde que exista uma direcção e homens capazes. E comunicávamos-lhes as esperanças de que mais tarde ou mais cedo acabariam por nos libertar do domínio colonial».

«Assim conseguimos mobilizar o povo, mostrando-lhe as experiên-

cias de outros países africanos independentes e apresentando-lhes o exemplo da China, onde a luta armada durou muitos anos, mas o povo acabou por sair vitorioso».

«Um dia, numa tabanca de Colónia, depois de ter falado com o povo numa reunião, disse-me um velhote:

«Ó filho, ouvi tudo o que disseste, mas sabes o que é a guerra?»

Eu respondi-lhe:

«Pai, tens razão, eu nada sei da guerra como aquela do Mamadú Injai, em que os homens combateram de «longa», espada e lanças. Mas a guerra moderna, a guerra de libertação nacional, a guerra revolucionária de que estou a falar, sei bem o que é, e, quer acre-

(Continuação na página 6)

Hoje

Sporting - Balantas

Com a realização, na quarta-feira passada, do jogo em atraso entre UDIB e Ténis o campeonato vai retomando o seu curso normal. Está marcado para a próxima quarta-feira o encontro Tombali-Sporting, igualmente correspondente a jornadas anteriores.

A oitava jornada que se disputa hoje e amanhã envolve todas as equipas concorrentes ao campeonato e principia esta noite em Bisau (às 21 horas) com o jogo Sporting-Balantas. Outros jogos, a realizar amanhã à tarde: Estrela Negra de Bolama-Ténis Clube; Bula-Ajudá Sport, Bissorã-Benfica, Tombali-Gabú, Cantchungo-Bafatá e UDIB-Farim.

Comandante Arafan Mané

Há 13 anos: O ataque à guarnição de Tite

(Continuação da página Central)

dites quer não, havemos de chegar à vitória final.

«Não sabes, porque se o projectil te apanhar não te salvarás», retorquiu o velho.

Eu disse-lhe que sabia bem disso, mas que tinha confiança e via que era preciso lutar para libertarmos o nosso povo do jugo colonial.

«Temos na direcção do Partido um homem que conhece o mundo e que sabe que, de qualquer das formas, precisamos de sacudir a pressão dos colonialistas, pois temos capacidades para fazer a luta armada. Se o teu filho se juntar a nós, de certeza alcançaremos a vitória final».

Por fim, o velho perguntou-me: «O que pensas destes factos que cruzam os céus do nosso país?» Então eu utilizei um truque para o convencer, pois para ele os aviões eram super-potências, que ninguém conseguia destruir.

«São latas com uma pessoa lá

dentro; se atirarem de lá uma pedrada, não apanham ninguém cá em baixo», respondi-lhe.

«Continuámos a conversar, e eu a tentar explicar-lhe que havia de chegar o dia em que os aviões seriam abatidos facilmente. Só tenho pena de não saber se este «homem grande» está ainda vivo e se teve tempo de concluir por si próprio que os aviões caem. Talvez tenha acreditado, pois nessa altura dizia-se que o Cabral tinha meninos que fazavam muito bem, «quando te dizem uma coisa, ela fica-te na cabeça, e por mais que a queiras de lá tirar, não consegues».

«Hoje existe uma grande diferença entre as zonas libertadas e os centros urbanos. Nas antigas zonas libertadas verifica-se uma convivência diferente, o povo recebe uma pessoa com toda a alegria, ânimo e consciência, pois sabe quem nós somos e por que estamos ali e nós também sabemos quem eles são».

«PODEM-ME MATAR, MAS TENHO A CERTEZA QUE A LUTA CONTINUARÁ»

«Quando queríamos mobilizar a população, éramos obrigados a recorrer ao mimetismo, adoptando o modo de vida de cada tabanca. Assim, nalguns sítios usávamos calções, camisolas e sandálias; nas tabancas balantas vestíamos como o «iaé»; por várias vezes tive de teder o cabelo, quando ia para os lados de Bessassem e Bissilón; e quando passávamos pelas zonas beafadas e mandingas tínhamos que vestir «fundinhos».

«Uma vez, tinha uma missão urgente a realizar em Bolama e não sabia como havia de deslocar-me. Dei voltas ao miolo e lembrei-me que tinha na minha bolsa de roupa uma farda da Mocidade Portuguesa. Vesti-a e meti-me pela estrada, apesar de os meus camaradas e até o meu tio Buli Djassi tentarem dissuadir-me. Nisto, apareceu um carro do exército colonial que me levou para Bolama sem qualquer problema. A última vez que tinha estado em Bolama foi em 1958 e depois dessa data a minha fisionomia mudou bastante, por isso não me podiam reconhecer facilmente».

«Quando cheguei, fui directamente à loja da Ultramarina, onde o camarada Sabino exercia a sua profissão de alfaiate. Ele quis esconder-me, mas eu recusei, porque achei que isso era perigoso para ele, pois o traidor Samba de Uafo-Fula sabia que costumava ir ali gente do Partido e os seus informadores podiam contar-lhe que eu estava lá. Prometi ao camarada Sabino que se houvesse qualquer problema não diria nada: «Podem-me matar, mas tenho a certeza que a luta continuará». Assim, o meu local de passeio era em frente do Palácio durante o tempo em que ali estive. Contactei também com os camaradas Badinca e Abdulai Canté, que, juntamente com o camarada Sabino representavam o Partido na ilha».

«Fiz uma reunião no cemitério, onde esteve presente o grande traidor Aristides Barbosa e outra reunião com os funcionários da Casa Nova. No dia seguinte, estava junto do monumento italiano com o camarada Armando Sanca, quando apareceram quatro aviões a jacto a sobrevoarem-nos. Virando-se para mim, perguntou-me: «Camarada, como é que vamos fazer, com estas coisas a vassarem por cima de nós?» Com muita calma, respondi-lhe que essa ameaça não nos metia medo algum e que havíamos de os destruir. Nessa altura, ele abraçou-me, muito satisfeito. Tenho uma imensa admiração por este camarada, porque deu a sua contribuição em todos os aspectos, no momento da mobilização naquela localidade. Hoje estou satisfeito por saber que este camarada já tem a sua vida mais ou menos organizada».



«FOI UMA SORTE TERMOS UM LÍDER COMO AMÍLCAR CABRAL»

«A mobilização de massas constituiu uma brilhante ideia do camarada Amílcar Cabral, que permitiu a nossa luta avançar muito e ganhar o apoio e a adesão incondicional do povo. Desde o início, ele estava consciente da nossa luta e dos sacrifícios que ela custava e sabia que tínhamos de contar com as próprias forças».

«Jamais esquecerei certas cenas que se passaram comigo nesse período embrionário da nossa luta e julgo que o mesmo acontece aos outros camaradas que participaram nesta fase. As experiências que adquirimos na mobilização não-de valer-nos para toda a vida».

«Hoje, quando ouço alguém lamentar-se de dificuldades, fico admirado e rio, porque sei o que são dificuldades».

«Quando prendiam alguém numa tabanca, ou incendiavam essa tabanca, os seus habitantes tornavam-se autênticos reaccionários e era preciso fazer mil e um cálculos para lá se poder entrar, se não éramos corrimos como animais. Se hoje formos a Cubissec e dissermos «Ou chapa, ou fogo!», não passamos bem, pois este povo foi

duramente castigado pelos colonialistas. Mandavam-nos fazer fila indiana e pediam-lhes o emblema do Partido: quem não o entregasse, era morto. O mesmo aconteceu na ilha de Como, se dissermos «porco grande», pois o exército colonial dizia que quando lá ia o camarada Nino lhe davam porco grande e aos soldados portugueses não davam nada».

«Para os lados de Leste também houve cenas fantásticas, como quando os camaradas eram surrondados na tabanca pelo mingo e iam esconder-se atrás do burro: este apanhou um tiro e caiu, mas os camaradas conseguiram escapar-se. E o caso de outro camarada que ao encontrar-se com os «tugas» tirou rapidamente o seu pano, atou-o na anca e colocou um feixe à cabeça, para fingir que era camponês...»

«Assim, conseguimos ultrapassar todas as dificuldades».

«E pena termos sido colonizados pelos «tugas», que não tinham qualquer espécie de respeito por nós, nunca nos consideraram seres humanos e não tinham a mínima confiança nas nossas capacidades. Foi uma grande sorte termos um grande líder como foi o camarada Amílcar Cabral».

«Quando iniciámos o trabalho de mobilização, os colonialistas portugueses não acreditavam que seríamos capazes de nos unirmos ao ponto de desencadearmos a luta armada. Como sabiam que somos ambiciosos e que havia muitos movimentos na nossa terra, ao princípio, não nos levaram a sério. Depois do nosso primeiro ataque ao quartel de Tite as coisas continuaram de mal a pior para eles e então chegaram à conclusão que não podiam travar a marcha irresistível do nosso povo para a libertação completa. Já nessa altura tínhamos todos os predicados de um verdadeiro povo revolucionário e a certeza de que as coisas iam mudar de figura, pois o nosso povo começava a sentir a leve aragem da independência».

«Os colonialistas começaram a pedir reforços das outras colónias onde ainda não se tinha levantado a sublevação. Grandes contingentes militares chegaram à Guiné, e instalando-se em todos os cantos da nossa terra, mas, isso, para nós, só demonstrava que eles tinham medo do que se estava a passar».

FARIM

“Fanado” prejudica aproveitamento

Deslocou-se na segunda-feira a Farim o responsável pela educação nas antigas zonas libertadas de Candjambari, camarada Fernando Sannar, que foi recebido pelo camarada Marcelino Mendes Matos, responsável pela Educação no sector,

Conversaram sobre a falta de agentes de ensino na área e sobre as intenções dos pais dos alunos em mandá-los ao

fanado. Ficou decidido que se convocará uma reunião com os pais, no sentido de os elucidar de que o momento não é próprio e de que a circunscção só contribuiria para o atraso das crianças no que respeita à aprendizagem. Para suprir a falta de docentes, seguirão quatro novos professores para a área de Candjambari.

DOS LEITORES

Advertência: Escrevam em prosa!

Embora esta secção não tenha ambições literárias, publicamos hoje uma pequena poesia intitulada «Advertência», do nosso leitor «Beta».

Aproveitamos a oportunidade para «advertir» os nossos poetas que, de um modo geral, os poemas que nos enviam não são susceptíveis de publicação no «Nô Pintcha», porque o seu tamanho e a própria ordenação dos versos nos levaria a ocupar muito espaço do que aquele que prevemos para esta secção dos leitores. Além disso, preferimos este espaço para dar a palavra àqueles leitores que nos apresentam problemas concretos do dia. Não se trata de qualquer «desprezo» pela poesia; mas como os nossos leitores devem saber, o nosso pequeno jornal não dispõe neste momento de meios que lhe permitam dar grande destaque à expressão cultural, sem prejuízo da parte informativa, que constitui o nosso principal objectivo. Por maioria de razão, não publicamos poemas em língua estrangeira, que só uma minoria da população letrada poderia decifrar. E, porque isto aqui vai o poema seleccionado:

Guineenses e Caboverdianos!
 Não gastemos o tempo em passatempo
 A reconstrução nacional está no auge do tempo
 Vamos pensando enquanto é tempo
 No tempo melhor que o tempo trará...
 Se deitarmos conta ao tempo, enquanto é tempo...
 Veremos que tempo é já tempo demasiado
 Para não darmos mais tempo ao tempo
 Uma vez que já é tempo o mais de que tempo...
 E o passatempo já não conta.
 Tempo mau correu-o o tempo bom
 Aproveitemos o bom tempo para agora que é tempo
 Todos, na reconstrução da nossa terra, tempo possa haver
 P'ra melhor no tempo construir!
 Povo da Guiné e Cabo Verde!
 Não gastemos, por hora, o tempo em passatempo...
 Porque, para passatempo, tempo há-de vir!

Cacheu

Reunião de responsáveis

Sob a presidência do Presidente do Comité de Estado da região de Cacheu, camarada Orlando Nhaga, realizaram-se em Cantchungo, nos primeiros dias da semana reuniões de responsáveis da nível regional, a fim de debater o cumprimento da linha e das palavras de ordem do nosso Partido em cada departamento de Estado.

Concluiu-se da necessidade duma maior ligação e comunicação entre todos os responsáveis que, por sua vez, devem frequentar as reuniões periódicas dos Comités de Base, principalmente em Cantchungo. Para esse efeito, foram constituídas delegações do Comité regional destinada a estabelecer a ligação com todos os sectores que compõem a região de Cacheu.

Também se realizou anteriormente em Cantchungo, uma importante reunião entre responsáveis regionais da Educação e professores do mesmo sector.

Na mesa da presidência, encontravam-se os camaradas José Albino, delegado regional, Gabriel

Djassi, responsável regional pelo Ensino Primário, João António Malaca, responsável de Segurança e Francisco Silva, secretário-geral da Organização do Partido na região de Cacheu.

Após vários esclarecimentos pelos responsáveis, alguns professores referiram a situação actual do ensino.

Entretanto, o substituto do presidente do Comité de Estado do sector de Bula, camarada Filipe Vieira, deslocou-se à secção de S. Vicente, onde presidiu a uma reunião com a população relativa ao trabalho de recuperação de bolanhas e limpeza da secção.

Tomou parte nesta reunião o camarada João Nunes Correia, cobrador da Junta Autónoma dos Portos da Guiné que falou sobre a cobrança do tráfego a efectuar no porto local.

O camarada Filipe Vieira deslocou-se depois a Cantchungo, com o objectivo de tomar parte numa reunião de trabalho a realizar naquela cidade.

ANGOLA

O governo racista institucionaliza a agressão do exército sul-africano

DAR-ES-SALAM (TASS) — O governo da África do Sul tem a intenção de «legalizar a agressão contra Angola. É este o objectivo que coloca o novo projecto de lei apresentado no Parlamento por Peter Botsa, ministro da Defesa da RSA. Submetido como acréscimo à lei actual sobre a defesa, o projecto prevê

poderes especiais para o exército sul-africano, que combate as forças de libertação nacional, para lá da RSA e do território namibiano que ocupa. Doravante o exército racista, terá por tarefa «prevenir ou reprimir todo o conflito armado no exterior do país que, segundo o parecer do governo, representa ou esteja susceptível de representar uma ameaça à sua segurança».

Por outros termos, Pretória coloca a nível de política nacional, a ingerência nos problemas dos outros africanos quando o regime político não convém aos racistas.

O projecto de lei determina o campo de acção da África do Sul, que se estende «da África ao sul do Equador».

O novo projecto de lei mostra com eloquência a agressividade da política da RSA em relação aos países africanos.

AS FAPLA APROXIMAM-SE DE HUAMBO

ANGOLA (TASS) — As forças armadas da República Popular de Angola desenvolvem entretanto uma ofensiva e aproximam-se de Huambo, onde os rebeldes fizeram a sua «capital». A administração fantoche abandonou apressadamente esta cidade e transferiu o seu quartel-general

para Silva-Porto. Repelindo para o sul os bandos da UNITA, as tropas sul-africanas e os mercenários estrangeiros, o exército popular libertou Alto-Hama, importante centro estratégico. As posições ocupadas actualmente pelo exército popular garantem-lhe o controle das estradas que levam a Huambo e Silva Porto.

Paralelamente à ofensiva contra Huambo, as unidades do exército nacional prosseguem o seu avanço para o Sul ao longo do litoral Atlântico em direcção dos portos de Lobito e de Benguela.

As cidades e localidades pelos patriotas representam um quadro sem vida depois dos excessos dos racistas sul-africanos, dos mercenários e dos rebeldes: as casas estão vazias, as lojas foram roubadas pelos que foram postos em retirada, deixando as suas armas e caixas de munições.

TRABALHADORES DE MADAGÁSCAR APOIAM O M.P.L.A.

TANANARIVE (TASS) — «Os trabalhadores de Madagáscar solidarizam-se com o povo angolano que, guiado pelo MPLA, empreendeu uma luta vitoriosa contra a intervenção do imperialismo e do racismo», declarou Desirée Ralamboahina, presidente da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores de Madagáscar, entrevistado pelo correspondente da Tass.

Os imperialistas ingerem-se nos assuntos internos de Angola recorrendo, para esse fim, aos traidores da FNLA. Cabe a todo o homem honesto no mundo apoiar a justa luta do povo angolano contra o imperialismo, pela liberdade e independência.

SOLIDARIEDADE F.D.I.M. - M.P.L.A.

BERLIM (TASS) — A Federação Democrática Internacional das Mulheres manifesta a sua solidariedade incondicional ao povo e às valentes mulheres de Angola. A FDIM protesta enérgicamente contra a agressão desencadeada pelo regime criminoso da RSA e os sediciosos angolanos apoiados e abastecidos de armas pelos Estados Unidos e outros países imperialistas, precisa uma declaração da FDIM difundida, na quinta-feira, em Berlim.

«Fiel aos princípios da solidariedade com a luta dos povos contra o colonialismo, pela independência e libertação nacional, a FDIM exige que se ponha imediatamente termo à ingerência imperialista nos assuntos internos de Angola. Numerosos países reconheceram o governo legítimo de Angola», prossegue a declaração.

A FDIM apela às organizações nacionais de mulheres que a ela aderiram, a prestarem uma ajuda concreta à luta do povo angolano, se integrarem neste movimento de solidariedade das organizações sociais, todas as forças democráticas anti-imperialistas do mundo. Esta solidariedade activa dos partidários da paz e do progresso, contribuirá poderosamente para consolidar as forças patrióticas de Angola que, guiadas pelo MPLA, lutam pela integridade territorial e independência, pela liberdade e pela democracia no país, sublinha a declaração.

EQUADOR: CONDENADA A INTERVENÇÃO IMPERIALISTA

GUAYAVQUIL (TASS) — Os participantes à sessão plenária do Comité Central do Partido Comunista do Equador, que teve lugar em Guayaquil, condenaram a intervenção criminosa do Imperialismo internacional e das forças da reacção contra a República Popular de Angola, jovem estado independente. Uma resolução especial da sessão indica que a República Popular de Angola, que ascendeu à independência, depois de uma luta armada heróica e graças à solidariedade de todos os povos do mundo, todos os países da comunidade socialista, rechaçam actualmente a agressão imperialista, apoiada pelo regime sul-africano.

TRABALHADORES DA VENEZUELA APOIAM O M.P.L.A.

CARACAS (TASS) — O sindicato nacional dos trabalhadores da Imprensa da Venezuela publicaram uma declaração manifestando a sua solidariedade para com o povo da República Popular de Angola, que luta por uma justa e contra a agressão criminosa das forças do imperialismo e da reacção.

APELO DA CONFERENCIA CRISTÁ DA PAZ

PRAGA (TASS) — A Conferência Cristá da Paz apela às igrejas e aos cristãos do mundo para darem o seu apoio ao governo legítimo da República Popular de Angola, que luta pelos direitos e interesses do seu povo, sublinha a declaração publicada em Praga. O MPLA é o único movimento no país que tem um programa claro e promissor de desenvolvimento de Angola na base da independência e a justiça social, sublinha a declaração. Só o MPLA se opõe energeticamente à intervenção das potências imperialistas, neo-colonialistas e dos racistas sul-africanos, sublinha este documento.

(Continua na página 8)

ALTO-VOLTA LAMIZANA dissolve o Governo

OUAGADUGU (AFP) — O general Sangoule Lamizana, chefe de estado voltaico, decidiu na quinta-feira passada a dissolução do seu governo. Esta decisão foi tomada ao fim de dois meses de crise entre o governo militar e as centrais sindicais.

O novo governo, que deve ser formado nos próximos dias, incluirá civis e militares na proporção de dois-terços — um terço, anunciou anteriormente à tarde o Presidente Lamizana, durante uma declaração radiofónica.

O chefe de estado acrescentou que uma «comissão especial» será criada para analisar e fazer a síntese das aspirações populares e «propor soluções aos problemas actuais».

«A decisão foi tomada, prosseguiu o Presidente Lamizana, para nos empenharmos na via das evoluções e das mudanças a fim de responder plenamente às aspirações profundas e legítimas do povo voltaico».

«Mas, concluiu ele, isso far-se-á na ordem e na disciplina. Cada um de nós deve convencer-se dos limites do que é possível e do que é suportável e aceitável».

FORD DERROTADO PELO SENADO

WASHINGTON (AFP) — O presidente Gerald Ford sofreu na passada quarta-feira, no Congresso a sua segunda derrota em dois dias.

O Senado aprovou em segunda leitura o orçamento da Saúde, da Educação e a Assistência Social ao qual Ford tinha oposto o seu voto em Dezembro. Os senadores pronunciaram-se por uma maioria nitidamente superior aos dois votos presidenciais como tinham feito na véspera membros da Câmara dos Representantes. O presidente vê-se portanto obrigado a aceitar esta lei de finanças que considera demasiado onerosa.

A SÍRIA APOIA A LUTA DO POVO PALESTINIANO

DAMASCO (TASS) — O governo sírio denunciou a utilização do direito de veto pelos Estados Unidos no Conselho de Segurança. num comunicado publicado anteriormente em Damasco por Ahmed Sikkander, ministro sírio da Informação e no qual a Síria considera que a posição americana é contrária à Carta da ONU e aos princípios do direito internacional constituindo, além disso, um apoio à política dos inimigos sionistas.

A Síria, acrescenta o comunicado, segue com uma atenção particular a situação dos debates do Conselho de Segurança e compromete-se a prosseguir a luta lado a lado com o povo palestino, em colaboração com a nação árabe a fim de realizar os seus justos objectivos na libertação dos territórios ocupados e a recuperação dos direitos legítimos do povo palestino.

TANZÂNIA: FOMENTO DO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

DAR-ES-SALAM (TASS) — A importância do português, do inglês e do francês deverá aumentar na Tanzânia, decidiu a TANU (União Nacional Africana do Tanganyika — partido governamental) depois que o seu Comité Central reuniu em Dodoma, no centro do país. Esta decisão foi tomada para permitir aos tanzanianos melhor comunicação com os países estrangeiros.

Durante a reunião do seu CC, a TANU decidiu igualmente proibir a prática do jogo que, considerava, encorajava os maus hábitos, e a delinquência juvenil e o crime entre os adultos.

OPEP: AUXÍLIO AOS PAÍSES EM VIAS DE DESENVOLVIMENTO

PARIS (TASS) — Os ministros das Finanças dos países membros da OPEP que se reuniram em Paris nos últimos dias assinaram um acordo prevendo a instituição de um fundo especial no quadro da concessão de ajuda aos países em vias de desenvolvimento. Um comunicado publicado no fim da conferência, precisa que o acordo tomará força de lei logo após a sua ratificação pelos estados aderentes à OPEP.

A crise, que atinge o sistema económico do Ocidente, é extremamente prejudicial à economia dos países em via de desenvolvimento e, nomeadamente, daqueles que não dispõem de recursos naturais. O déficit da balança de pagamentos deste grupo de países quadruplicou em 1974-1975. Os promotores do fundo especial são unânimes em constatar que ele permitirá remediar algumas dificuldades destes países.

O GOVERNO DA R.P.A. é já reconhecido pela maioria dos países membros da O. U. A.

ACCRA (TASS) — Foi anunciado, na quinta-feira em Freetown, capital da República da Serra Leoa, o reconhecimento por este país à República Popular de Angola. Durante uma conferência de Imprensa, em Freetown, o presidente Siaka Stevens declarou que esta medida permitirá dar uma resposta positiva ao pedido feito pelo governo da RPA sobre a admissão deste país na Organização da Unidade Africana.

A decisão tomada pelo governo da República da Serra Leoa, de reconhecer a República Popular de Angola, significa que o governo dirigido pelo Movimento de Libertação de Angola tem o reconhecimento de 24 países membros da OUA (esta Organização Africana, em 46 países.

IZVESTIA

Ajusta causa de Angola vencerá!

MOSCOVO (TASS) — Os acontecimentos em Angola colocaram a África perante a alternativa: prosseguir na via da eliminação das sequelas do colonialismo, do neocolonialismo em direcção ao progresso social, ou comprometer-se na via das hesitações injustificadas e do recuo perante o imperialismo e o racismo.

É assim que o jornal «Izvestia» avalia a situação actual em África, ao publicar um artigo intitulado «A justa causa de Angola vencerá».

«As acções dos racistas sul-africanos e dos meios imperialistas exteriores em cumplicidade com os agrupamentos angolanos separatistas contra as forças do progresso do movimento de libertação nacional arriscar-se-ão, se progredirem, a terem graves consequências para toda a África», diz o artigo.

«Não há apenas o risco de atingir à descolonização de Angola e o avanço do seu povo na via do progresso social», escreve o jornal. Trata-se do aparecimento eventual de um novo ponto de apoio na luta da reacção imperialista e neo-colonialista contra os outros estados africanos independentes. Há também condições que constituem obstáculos ao desenvolvimento da luta contra os regimes racistas da África do Sul».

O jornal sublinha que a OUA continua a desempenhar um papel considerável na solução do problema angolano. Esta organização que orienta as suas acções contra o imperialismo e o racismo, contra o neocolonialismo e o «apartheid», ganhou prestígio e respeito. A experiência dos últimos anos mostra que os estados membros da OUA avaliam, na sua maior parte, de maneira realista, as acções dos seus amigos e dos seus inimigos».

«No que respeita à União Soviética, prossegue o jornal a sua posição na questão angolana foi e continua consequente e intransigente. O apoio aos movimentos de libertação dos povos em luta contra o colonialismo, o neocolonialismo e o racismo é uma das importantes orientações da linha política exterior da URSS».

«Fiel ao seu dever internacionalista, a URSS fez eco, ao pedido do governo legal da RPA, para lhe conceder uma ajuda material a fim de defender as conquistas do povo angolano. A União Soviética e os outros países socialistas não condicionam a concessão da ajuda por concessões políticas, militares ou económicas da parte da RPA».

O jornal «Izvestia» sublinha que a URSS «não se opôs nunca e nem se oporá à tentativa de uma solução negociada em Angola». A União Soviética «aprova as acções que contribuem para a consolidação em Angola das forças patrióticas que lutam pela verdadeira independência e um livre desenvolvimento do seu país», declara o jornal.

JORNADA INTERNACIONAL contra o racismo

NOVA YORK (TASS) — O comité especial da ONU contra o «apartheid» lançou um apelo aos governos de todos os países membros da Organização das Nações Unidas, convidando-os a fazer do dia 21 de Março próximo, jornada internacional de luta contra a discriminação racial e a solidarizarem-se assim com o povo oprimido da África do Sul. Há quinze anos, os acontecimentos sangrentos, em Sharpeville, durante uma manifestação de africanos desarmados, suscitaram a emoção e a indignação dos meios progressistas do mundo.

A comunidade internacional toma consciência do carácter inumano do sistema vergonhoso do «apartheid», observa a mensagem publicada em Nova York. O «apartheid» foi condenado por unidade, na ONU, como crime contra a humanidade.

O regime de Pretória, diz a mensagem, recorreu à violência contra o povo namibiano, cujo território ocupa ilegalmente, para reprimir a sua luta pela independência nacional e pela integridade territorial. Utilizando a Namíbia para realizar acções subversivas contra os estados africanos independentes, o regime de «apartheid» desencadeou uma agressão de envergadura contra Angola. Isto prova mais uma vez que a política racista põe em causa a paz e a obra da libertação nacional dos povos, sublinha a mensagem.

SAHARA OCIDENTAL

A aviação marroquina bombardeou três campos de refugiados

ARGEL (TASS) — A agência «Argelie Presse Service» (APS) anuncia que recomeçaram os combates armados, na quinta-feira, entre as forças argelinas e marroquinas, na região do Oásis de Amgala no Sahara Ocidental.

Segundo a parte argelina, a Força Aérea de Marrocos bombardeou três campos de refugiados saharianos na região da cidade de Dakhla.

MENSAGEM DO PRESIDENTE BOUMEDIENE

Houari Boumediene, Presidente do Conselho da Revolução sublinha na sua mensagem endereçada a um grupo de países que em 27 de Janeiro as Forças Armadas marroquinas atacaram uma coluna do exército argelino, que transportava víveres e medicamentos para as vítimas da

agressão, no Sahara Ocidental.

A mensagem indica que a posição argelina era conforme os princípios da descolonização, elaborados pela ONU, a OUA e os países não-alinhados.

Boumediene apela aos não-alinhados para contribuir para «uma resolução satisfatória no Sahara Ocidental».

A mensagem indica que o Marrocos e a Mauritânia violaram a sua promessa de respeitar os direitos da população sahariana

à autodeterminação.

Houari Boumediene encontrou em Argel, Mohammed Haidar, Primeiro-Ministro adjunto da Síria, embaixador interino do presidente da RAS, e Hikmat Al-Shehabi, Chefe do Estado-Maior Geral das Forças Armadas sírias. As suas conversações incidiram sobre a situação no Sahara Ocidental. O Presidente do Conselho da Revolução da Argélia contactou, igualmente, com os chefes de alguns países árabes.

Líbano: cessar-fogo em todo o país

BEIRUTE (TASS) — O acordo de cessar-fogo, concluído há 8 dias, está em via de realização em todo o país. O comité militar supremo publicou uma declaração precisando que as suas sub-comissões não têm tido dificuldades no cumprimento da missão que lhes foi confiada. As barricadas e barreiras foram destruídas na maior parte das ruas de Beirute e nas artérias principais do país. Não foram assina-

lados na quinta-feira incidentes graves. O banco do Líbano voltou a abrir as suas portas. Os funcionários dos múltiplos estabelecimentos retomaram os seus trabalhos.

Os contactos e as conversações políticas prosseguem na capital libanesa. Os dirigentes da comunidade muçulmana reúnem-se hoje em Beirute a fim de estudar e pôr em prática os princípios de um novo pacto nacional.

A. H. Khaddam, adjunto do primeiro-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros da Síria, conferenciou com Yasser Arafat, presidente do Executivo da O.L.P., com dirigentes das organizações palestinas bem como com os dirigentes de forças e de partidos progressistas declarando aos jornalistas que a reunião incidirá sobre os problemas da normalização no Líbano.

Mercenários franceses, ingleses e veteranos do Vietname em Angola

(Continuação da página 7)

MERCENÁRIOS INGLESES NO ZAIRE

BRUXELAS (TASS) — Um novo grupo de mercenários britânicos, totalizando 70 homens, deixou Bruxelas, em direcção ao Zaire. Reunir-se-ão às tropas da FNLA e da UNITA, grupos separatistas de Angola.

A agência belga indica que este grupo de cinquenta mercenários britânicos é um dos mais importantes que foi transferido para o Zaire pelos aviões da companhia belga, «Sabena».

A agência belga precisa que John Banks, que no ano passado tinha dirigido o recrutamento de mercenários para os separatistas angolanos, assim como para a Rodésia, encontrava-se entre os passageiros do avião especial dirigindo-se para Kinshasa.

Norman Hall, expulso do exército britânico por venda ilegal de armas na Irlanda do Norte, dirige os mercenários em Angola. passado recente, Norman Hall, até um passado recente, Norman Hall era chauffeur de Holden Roberto, chefe da FNLA.

MERCENÁRIOS AMERICANOS E FRANCESES

RIO DE JANEIRO (TASS) — O envio especial do «Jornal do Brasil» informa de Kinshasa: mil mercenários de origem norte-americana e francesa chegaram a Santo António do Zaire, cidade angolana, situada na fronteira com o Zaire, a fim de apoiar o grupo da FNLA. Santo António do Zaire é a cidade onde se refugia a FNLA desde a ofensiva das Forças Armadas da República Popular de Angola. Segundo o correspondente, os mercenários

recebem, em virtude de um contrato, 1500 dólares por mês. Por outro lado, não são punidos caso se dediquem à pilhagem de qualquer localidade angolana ocupada.

VETERANOS DO VIETNAME: «ASSISTÊNCIA AFRO-AMERICANA»

WASHINGTON (A.F.P.) — Várias centenas de antigos combatentes americanos do Vietname, de raça negra, estão prontos a partir para Angola para se baterem como mercenários, nas fileiras da UNITA.

Segundo Harry Mitchell, agente recrutador, mais de 200 antigos combatentes negros estão já integrados numa cidade de combate privado, formado em Washington, «A Assistência Técnica Afro-Americana a Angola». Deverão partir para a antiga colónia portuguesa a 15 de Fevereiro próximo.

Os mercenários, acrescentou Mitchell, receberão 500 dólares por mês, para as suas despesas, mais mil dólares, que serão entregues em cada mês, provavelmente numa conta de um banco da Suíça. Mitchell não quis indicar a proveniência deste financiamento, mas declarou a um jornalista que não seria «surpresa» se soubesse que o dinheiro vinha da CIA.

PROTESTO DE DEPUTADOS TRABALHISTAS

LONDRES (TASS) Os deputados trabalhistas protestaram contra o recrutamento em Grã-Bretanha de mercenários para a participação na agressão imperialista contra a República Popular de Angola. O deputado trabalhista Newens declarou que os mercenários partiram já da Grã-

-Bretanha para Angola e exigiu pôr fim a esta prática.

James Callaghan, ministro britânico dos Negócios Estrangeiros limitou-se a «lamentar» o recrutamento de mercenários britânicos. Por outro lado recusou-se de assegurar que o envio de mercenários para Angola cessara.

VAAL NETO PEDE AJUDA À SECRETARIA DE ESTADO

WASHINGTON (A.F.P.) — Hendrik Vaal Neto, ministro dos Negócios Estrangeiros da «República Democrática de Angola» foi recebido, na terça-feira, no Departamento de Estado, por William Schauffe, Secretário de Estado adjunto para os Assuntos Africanos.

A estadia de Vaal Neto na capital americana tem por objectivo obter a manutenção da assistência material dos Estados Unidos à FNLA e à Unita, os dois grupos angolanos, opostos ao MPLA.

Todavia, no Departamento de Estado, sublinha-se que Schauffe não está à altura de fazer a mínima promessa a Vaal Neto, tendo em conta a oposição muito clara do Congresso a qualquer intervenção americana em Angola.

CONTACTOS ENTRE SPÍNOLA E HOLDEN ROBERTO

MOSCOVO (A.F.P.) — O semanário soviético «Literaturnaya Gazeta» informou, na quarta-feira, sobre os contactos entre o ex-presidente português, general Spínola, o presidente do Zaire, o chefe da FNLA, Holden Roberto e os serviços secretos israelitas, tendo em vista elaborar um plano contra o MPLA.

Protesto contra a estadia de Holden e Savimbi em França

PARIS (TASS) — Em nome do grupo parlamentar do Partido Comunista à Assembleia Nacional, o deputado Louis Odru enviou uma interpelação ao ministro dos Negócios Estrangeiros a propósito da estadia em França, de Holden e Savimbi, chefes dos grupos fantechas angolanos. O autor da interpelação exprime o assombro com que estes agentes da agressão sul-africana e do imperialismo, obtiveram a autorização de entrar e permanecer em França. Sublinha que isto é contrário aos interesses nacionais franceses e pode dar a impressão que um apoio é dado aos inimigos da República Popular de Angola, estado soberano que exprime as aspirações do povo angolano à unidade nacional e ao reforço da sua independência.

Embaixador em Angola

(Continuação da 1.ª página)

anos de 1967 e 68. Transitou para a região Sara-Nhacra, em 1970, como Comissário Político-Militar, regressando à Frente Norte em 1972. Nesse mesmo ano seguiu para a União Soviética para tirar o curso de oficiais do Estado-Maior. Lá ficou mais de um ano. Após o regresso, comandou o corpo de Exército na Frente Norte, onde o fim da guerra o veio apanhar.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

ÁFRICA DO SUL: VORSTER ENCARA HIPÓTESE DE MOBILIZAÇÃO GERAL

CIDADE DO CABO — O Governo sul-africano reconheceu oficialmente, pela primeira vez, ontem à noite, que o seu exército tinha penetrado «muito profundamente» em Angola.

Falando na Assembleia Nacional, para fazer o ponto da política sul-africana em Angola, o primeiro-ministro racista Vorster ameaçou fazer uma mobilização geral no seu país para prosseguir a agressão contra o povo angolano e encarando a hipótese do Governo racista ter que fazer face a uma guerra em três frentes — Moçambique, Rodésia e Angola.

OS MONOPÓLIOS EM ANGOLA

DAR-ES-SALAAM (TASS) — O jornal tanzaniano «Daily News» denuncia as actividades subversivas dos monopólios imperialistas a respeito da República Popular de Angola.

Os monopólios imperialistas que tinham explorado avidamente os recursos minerais do país durante os anos da dominação portuguesa, esforçam-se por manter o seu controlo sobre a economia da jovem República após a queda do regime colonial, diz o artigo.

REUNIÃO DA T.A.N.U.

DAR-ES-SALAAM (TASS) — A reunião do Comité Executivo Nacional da União Nacional Africana da Tanganica (TANU) abriu em Dodoma. Os participantes analisarão a execução do terceiro plano quinquenal do desenvolvimento, cuja adopção foi adiada o ano passado devido à difícil situação económica da Tanzânia. Examinarão igualmente uma comunicação sobre a realização da campanha nacional no domínio da instrução pública. A sessão do Executivo da TANU realiza-se pela primeira vez em Dodoma.

ANUNCIADA A LIBERTAÇÃO

LISBOA (AFP) — O general Otelo Saraiva de Carvalho será posto em liberdade provisória na próxima segunda-feira, afirma o diário do Porto, «Jornal de Notícias», citando fontes militares próximas dos poderes de decisão.

O general Otelo de Carvalho esperará em liberdade o julgamento a que será submetido por um tribunal militar, pela sua implicação directa nos acontecimentos de 25 de Novembro último.

TERMINOU A VISITA DE TRUDEAU A CUBA

HAVANA (TASS) — Terminou a visita oficial de Pierre Elliott Trudeau, Primeiro-Ministro do Canadá, a Cuba. Tinha visitado este país, a convite de Fidel Castro, Primeiro Secretário do Comité Central do Partido Comunista e Primeiro-Ministro do Governo Revolucionário de Cuba.